

5

A experiência vivida do negro

“Preto sujo!” Ou simplesmente: “Olhe, um preto!”

Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos.

Enclausurado nesta objetividade esmagadora, implorei ao outro. Seu olhar libertador, percorrendo meu corpo subitamente livre de asperezas, me devolveu uma leveza que eu pensava perdida e, extraindo-me do mundo, me entregou ao mundo. Mas, no novo mundo, logo me choquei com a outra vertente, e o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixou-me como se fixa uma solução com um estabilizador. Fiquei furioso, exigi explicações... Não adiantou nada. Explodi. Aqui estão os farelos reunidos por um outro eu.

Enquanto o negro estiver em casa não precisará, salvo por ocasião de pequenas lutas intestinas, confirmar seu ser diante de um outro. Claro, bem que existe o momento de “ser para-o-outro”, de que fala Hegel, mas qualquer ontologia torna-se irrealizável em uma sociedade colonizada e civilizada. Parece que este fato não reteve suficientemente a atenção daqueles que escreveram sobre a questão colonial. Há, na *Weltanschauung* de um povo colonizado, uma impureza, uma tara que proíbe qualquer explicação ontológica. Pode-se contestar, argumentando

que o mesmo pode acontecer a qualquer indivíduo, mas, na verdade, está se mascarando um problema fundamental. A ontologia, quando se admitir de uma vez por todas que ela deixa de lado a existência, não nos permite compreender o ser do negro. Pois o negro não tem mais de ser negro, mas sê-lo diante do branco. Alguns meterão na cabeça que devem nos lembrar que a situação tem um duplo sentido. Respondemos que não é verdade. Aos olhos do branco, o negro não tem resistência ontológica. De um dia para o outro, os pretos tiveram de se situar diante de dois sistemas de referência. Sua metafísica ou, menos pretenciosamente, seus costumes e instâncias de referência foram abolidos porque estavam em contradição com uma civilização que não conheciam e que lhes foi imposta.

O negro em seu país, em pleno século XX, ignora o momento em que sua inferioridade passa pelo crivo do outro... Sem nenhuma dúvida, chegamos a discutir o problema negro com amigos ou, mais raramente, com negros americanos. Juntos protestamos e afirmamos a igualdade dos homens diante do mundo. Havia também nas Antilhas este pequeno hiato entre a *békaille*, a mulatada e a negrada.* Naquela época nos contentávamos em compreender intelectualmente essas divergências. Na verdade, isso não era muito dramático. Mas depois...

Depois tivemos de enfrentar o olhar branco. Um peso inusitado nos oprimiu. O mundo verdadeiro invadia o nosso pedaço. No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas. Sei que, se quiser fumar, terei de estender o braço direito e pegar o pacote de cigarros que se encontra na outra extremidade da mesa. Os fósforos estão na gaveta da esquerda, é preciso recuar um pouco. Faço todos esses gestos não por hábito, mas por um conhecimento implícito. Lenta construção de meu eu enquanto corpo, no seio de um mundo espacial e temporal, tal parece ser o esquema. Este não se impõe a mim, é mais uma estruturação definitiva do eu e do mundo – definitiva, pois entre meu corpo e o mundo se estabelece uma dialética efetiva.

Já faz algum tempo que certos laboratórios projetam descobrir um soro para desempreter; os laboratórios mais sérios do mundo

* *Békaille*, termo crioulo significando os abonados, o conjunto dos *béké* Antilhas e dos *béké* França. Ver a nota do tradutor à p.54.

enxaguaram suas provetas, ajustaram suas balanças e iniciaram pesquisas que permitirão aos coitados dos pretos branquear e, assim, não suportar mais o peso dessa maldição corporal. Elaborei, abaixo do esquema corporal, um esquema histórico-racial. Os elementos que utilizei não me foram fornecidos pelos “resíduos de sensações e percepções de ordem sobretudo tátil, espacial, cinestésica e visual”¹, mas pelo outro, o branco, que os teceu para mim através de mil detalhes, anedotas, relatos. Eu acreditava estar construindo um eu fisiológico, equilibrando o espaço, localizando as sensações, e eis que exigiam de mim um suplemento.

“Olhe, um preto!” Era um *stimulus* externo, me futucando quando eu passava. Eu esboçava um sorriso.

“Olhe, um preto!” É verdade, eu me divertia.

“Olhe, um preto!” O círculo fechava-se pouco a pouco. Eu me divertia abertamente.

“Mamãe, olhe o preto, estou com medo!” Medo! Medo! E começavam a me temer. Quis gargalhar até sufocar, mas isso tornou-se impossível.

Eu não agüentava mais, já sabia que existiam lendas, histórias, a história e, sobretudo, a *historicidade* que Jaspers havia me ensinado. Então o esquema corporal, atacado em vários pontos, desmoronou, cedendo lugar a um esquema epidérmico racial. No movimento, não se tratava mais de um conhecimento de meu corpo na terceira pessoa, mas em tripla pessoa. No trem, ao invés de um, deixavam-me dois, três lugares.* Eu já não me divertia mais. Não descobria as coordenadas febris do mundo. Eu existia em triplo: ocupava determinado lugar. Ia ao encontro do outro... e o outro, evanescente, hostil mas não opaco, transparente, ausente, desaparecia. A náusea...

Eu era ao mesmo tempo responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meus ancestrais. Lancei sobre mim um olhar objetivo, descobri minha negridão, minhas características étnicas, – e então detonaram meu tímpano com a antropofagia, com o atraso mental,

¹ Jean Lhermitte, *L'image de notre corps*. Ed. de la Nouvelle Revue Critique, p. 17.

* Há nessa passagem um jogo de palavras impossível de reproduzir no português. Fanon usa duas vezes a expressão *dans le train*. O termo *train* tem no francês vários significados, inclusive na linguagem familiar e na gíria, é como o “trem” mineiro. Na primeira ocorrência, pode-se pensar na expressão corriqueira: *être dans le train*, estar na onda, na moda, no movimento; mas na segunda, o sentido é o literal, significando “no trem” (ou seja, no trem o branco deixava poltronas livres ao redor de Fanon, para não se aproximar muito de um preto).

o fetichismo, as taras raciais, os negreiros, e sobretudo com “y’a bon banania”.*

Nessa época, desorientado, incapaz de estar no espaço aberto com o outro, com o branco que impiedosamente me aprisionava, eu me distanciei para longe, para muito longe do meu estar-aqui, constituindo-me como objeto. O que é que isso significava para mim, senão um desalojamento, uma extirpação, uma hemorragia que coagulava sangue negro sobre todo o meu corpo? No entanto, eu não queria esta reconsideração, esta esquematização. Queria simplesmente ser um homem entre outros homens. Gostaria de ter chegado puro e jovem em um mundo nosso, ajudando a edificá-lo conjuntamente.

Mas rejeitava qualquer infecção afetiva. Queria ser homem, nada mais do que um homem. Alguns me associavam aos meus ancestrais escravizados, linchados: decidi assumir. Foi através do plano universal do intelecto que compreendi este parentesco interno – eu era neto de escravos do mesmo modo que o Presidente Lebrun o era de camponeses explorados e oprimidos pelos seus senhores**. Na verdade, o alarme parava rapidamente.

Na América, os pretos são mantidos à parte. Na América do Sul, chicoteiam nas ruas e metralham os grevistas pretos. Na África Ocidental, o preto é um animal. E aqui, bem perto de mim, ao meu lado, este colega de faculdade, originário da Argélia, que me diz: “Enquanto pretenderem que o árabe é um homem como nós, nenhuma solução será viável”.

– Veja, meu caro, eu não tenho preconceitos de cor... Ora essa, entre monsieur, em nossa casa o preconceito de cor não existe!... Perfeitamente, o preto é um homem como nós... Não é por ser negro que é menos inteligente do que nós... Tive um colega senegalês no regimento que era muito refinado...

Onde me situar? Ou melhor, onde me meter? Martinicano, originário de “nossas” velhas colônias. Onde me esconder?

Olhe o preto!... Mamãe, um preto!... Cale a boca, menino, ele vai se aborrecer! Não ligue, monsieur, ele não sabe que o senhor é tão civilizado quanto nós...

Meu corpo era devolvido desancado, desconjuntado, demolido, todo enlutado, naquele dia branco de inverno. O preto é um animal, o preto é

*Conferir nota do tradutor à p.47.

**Fanon refere-se a Albert Lebrun (1871-1950) presidente da França de 1932 a 1940, quando foi deposto pelos nazistas, o qual era filho de agricultores.

ruim, o preto é malvado, o preto é feio; olhe, um preto! Faz frio, o preto treme, o preto treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do preto, o preto treme de frio, um frio que morde os ossos, o menino bonito treme porque pensa que o preto treme de raiva, o menino branco se joga nos braços da mãe: mamãe, o preto vai me comer!

Nas proximidades do branco, no alto os céus se desmantelam, debaixo dos meus pés a terra se arrebenta, sob um cântico branco, branco. Toda essa brancura que me calcina...

Sento-me perto da fogueira e encontro minha libré. Não a tinha percebido antes. Ela é realmente feia. Mas atenção, pois quem saberá me dizer o que é a beleza?!

Onde me meter de agora em diante? Sentia subir de todas as partes dispersas do meu ser um fluxo facilmente identificável. Eu estava ficando com raiva. O fogo há muito tempo estava morto, mas eis que novamente o preto tremia.

- Olhe, ele é bonito, esse preto...
- O preto bonito tá cagando pra você, madame!*

A vergonha ornamentou o rosto da madame. Enfim eu ficava livre de minhas ruminções. No mesmo momento compreendi duas coisas: identificava meus inimigos e provocava escândalo. Completamente satisfeito. Íamos, enfim, poder nos divertir.

Tendo o campo de batalha sido delimitado, entrei na luta.

Como assim? No momento em que eu esquecia, perdoava e desejava apenas amar, devolviam-me, como uma bofetada em pleno rosto, minha mensagem! O mundo branco, o único honesto, rejeitava minha participação. De um homem exige-se uma conduta de homem; de mim, uma conduta de homem negro – ou pelo menos uma conduta de preto. Eu acenava para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo. Exigiam que eu me confinasse, que encolhesse.

Mas eles iam ver! Eu já os tinha prevenido... A escravidão? Não se falava mais disso, era uma lembrança ruim. A pretensa inferioridade? Uma pilhéria da qual era melhor rir. Eu aceitava esquecer tudo, com a condição de que o mundo não me escondesse mais suas entranhas. Tinha de testar meus incisivos. Eu os sentia robustos. E depois...

* No original: *Le beau nègre vos emmerde, madame!* Ou seja, ofensa pesada, mas no tratamento cortês do *vous*; literalmente: “o preto bonito vos cobre (ou enche) de merda, madame!” Em um tom mais leve, *emmerder* significa apenas chatear, “encher o saco”; preferi o tom mais pesado, de acordo com o contexto narrativo.

Como assim? Quando então eu tinha todos os motivos para odiar, detestar, rejeitavam-me? Quando então devia ser adulado, solicitado, recusavam qualquer reconhecimento? Desde que era impossível livrar-me de um *complexo inato*, decidi me afirmar como Negro. Uma vez que o outro hesitava em me reconhecer, só havia uma solução: fazer-me conhecer.

Jean-Paul Sartre, em *Réflexions sur la question juive*, escreveu:

Eles (os judeus) deixaram-se envenenar por uma certa representação que os outros fizeram deles e vivem com receio de que seus atos correspondam a ela; assim poderíamos dizer que sua conduta é perpetuamente sobre-determinada pelo interior.²

Ainda assim o judeu pode ser ignorado na sua judeidade. Ele não está integralmente naquilo que é. As pessoas avaliam, esperam. Em última instância, são os atos e os comportamentos que decidem. É um branco e, sem levar em consideração alguns traços discutíveis, chega a passar despercebido. Ele pertence à raça daqueles que sempre ignoraram a antropofagia. No entanto que idéia, devorar o próprio pai! Mas tudo está bem feito, só precisamos não ser pretos. Claro, os judeus são maltratados, melhor dizendo, perseguidos, exterminados, metidos no forno, mas essas são apenas pequenas histórias em família. O judeu só não é amado a partir do momento em que é detectado. Mas comigo tudo toma um aspecto *novo*. Nenhuma chance me é oferecida. Sou sobredeterminado pelo exterior. Não sou escravo da “idéia” que os outros fazem de mim, mas da minha aparição.

Chego lentamente ao mundo, habituado a não aparecer de repente. Caminho rastejando. Desde já os olhares brancos, os únicos verdadeiros, me dissecam. Estou fixado. Tendo ajustado o microscópio, eles realizam, objetivamente, cortes na minha realidade. Sou traído. Sinto, vejo nesses olhares brancos que não é um homem novo que está entrando, mas um novo tipo de homem, um novo gênero. Um preto!

Deslizo pelos cantos, captando com minhas longas antenas os axiomas espalhados pela superfície das coisas, – a roupa do preto cheira a preto – os dentes do preto são brancos – os pés do preto são grandes – o largo peito do preto, – deslizo pelos cantos, permaneço silencioso, aspiro ao anonimato, ao esquecimento. Vejam, aceito tudo, desde que passe despercebido!

² Op. cit., p. 123.

– Chegue mais, quero lhe apresentar a meu colega negro... Aimé Césaire, homem negro, professor da Universidade... Marian Anderson, a maior cantora negra... Dr. Cobb, o descobridor dos glóbulos brancos, é um negro... Ei, cumprimente aqui meu amigo martinicano (mas cuidado, ele é muito susceptível)...

A vergonha. A vergonha e o desprezo de si. A náusea. Quando me amam, dizem que o fazem apesar da minha cor. Quando me detestam, acrescentam que não é pela minha cor... Aqui ou ali, sou prisioneiro do círculo infernal.

Eu me esquivo desses escrutadores do ante dilúvio, e me agarro a meus irmãos, pretos como eu. Horror, eles me rejeitam. Eles são quase brancos! E depois, eles vão se casar com uma branca. Terão filhos morenos... Quem sabe, pouco a pouco, talvez...

Eu tinha sonhado.

– Sabe, monsieur, sou um dos maiores negrófilos de Lyon.

A evidência estava lá, implacável. Minha negrura era densa e indiscutível. Ela me atormentava, me perseguia, me perturbava, me exasperava.

Os pretos são selvagens, estúpidos, analfabetos. Mas eu sabia que, no meu caso, essas afirmações eram falsas. Havia um mito do negro que era preciso, antes de mais nada, demolir. Não estávamos mais no tempo em que as pessoas se impressionavam diante de um padre preto. Tínhamos médicos, professores, estadistas... Sim, mas em todos esses casos algo de insólito persistia. “Nós temos um professor de história senegalês. Ele é muito inteligente... Nosso médico é um negro. Ele é muito cordial”.

Era o professor negro, o médico negro; eu, que começava a fraquejar, tremia ao menor alarme. Sabia, por exemplo, que se um médico negro cometesse um erro, era o seu fim e o dos outros que o seguiriam. Na verdade, o que é que se pode esperar de um médico preto? Desde que tudo corresse bem, punham-no nas nuvens, mas atenção, nada de bobagens, por preço nenhum! O médico negro não saberá jamais a que ponto sua posição está próxima do descrédito. Repito, eu estava murado: nem minhas atitudes polidas, nem meus conhecimentos literários, nem meu domínio da teoria dos quanta obtinham indulto.

Eu reclamava, exigia explicações. Suavemente, como se fala a uma criança, explicavam que era a opinião de algumas pessoas apenas, acrescentando que “era preciso esperar seu rápido desaparecimento”. De que estávamos tratando? Do preconceito de cor.

O preconceito de cor nada mais é do que a raiva irracional de uma raça por outra, o desprezo dos povos fortes e ricos por aqueles que eles consideram inferiores, e depois o amargo ressentimento daqueles que foram oprimidos e freqüentemente injuriados. Como a cor é o sinal exterior mais visível da raça, ela tornou-se o critério através do qual os homens são julgados, sem se levar em conta as suas aquisições educativas e sociais. As raças de pele clara terminaram desprezando as raças de pele escura e estas se recusam a continuar aceitando a condição modesta que lhes pretendem impor.³

Eu havia lido corretamente. Era a raiva; eu era odiado, detestado, desprezado, não pelo vizinho da frente ou pelo primo materno, mas por toda uma raça. Estava exposto a algo irracional. Os psicanalistas dizem que não há nada de mais traumatizante para a criança do que o contacto com o racional. Pessoalmente eu diria que, para um homem que só tem como arma a razão, não há nada de mais neurotizante do que o contato com o irracional.

Senti nascer em mim lâminas de aço. Tomei a decisão de me defender. Como boa tática, quis racionalizar o mundo, mostrar ao branco que ele estava errado.

No judeu, diz Jean-Paul Sartre,

há uma espécie de imperialismo apaixonado da razão: pois ele não quer apenas convencer que está com a verdade, seu objetivo é persuadir seus interlocutores de que há um valor absoluto e incondicional no racionalismo. Ele se considera como um missionário do universal; diante da universalidade da religião católica, da qual ele é excluído, quer estabelecer a 'catolicidade' do racional, instrumento para alcançar a verdade e o elo espiritual entre os homens.⁴

E, acrescenta o autor, se existem judeus que fizeram da intuição a categoria fundamental da filosofia, a intuição deles

em nada se assemelha ao espírito de refinamento de Pascal, o qual, incontestável e instável, baseado em mil percepções imperceptíveis, parece ao judeu ser o seu pior inimigo. Quando a Bergson, sua filosofia apresenta o aspecto curioso de uma doutrina antiintelectualista inteiramente construída pela inteligência mais racionante e mais crítica. É argumentando que ele estabelece a existência de uma duração pura, de uma intuição filosófica; e esta mesma intuição, que descobre a duração ou a vida, é universal, porque todos podem praticá-la, porque seus objetos tendem ao universal, pois podem ser concebidos e nomeados.⁵

³ Sir Alan Burns, *Le préjugé de race et de couleur*, Payot, p. 14.

⁴ *Réflexions sur la question juive*, pp. 146-147.

⁵ Idem, pp. 149-150.

Com ardor, pus-me a inventariar, a sondar as vizinhanças. Através dos tempos, vimos a religião católica justificar e depois condenar a escravidão e as discriminações. Mas, ao reduzir tudo à noção de dignidade humana, eliminava-se o problema do preconceito. Os cientistas, após muitas reticências, admitiram que o preto era um ser humano; *in vivo e in vitro* o preto tinha-se revelado análogo ao branco; mesma morfologia, mesma histologia. A razão assegurava a vitória em todas as frentes. Eu era readmitido nas assembléias. Mas tive de perder as ilusões.

A vitória brincava de gato e rato; ela zombava de mim. Como diz o outro, quando estou lá, ela não está, quando ela está, não estou mais. No plano das idéias, estávamos de acordo: o negro é um ser humano. Isto é, acrescentavam os menos convencidos, ele tem como nós o coração à esquerda. Mas o branco, em determinadas questões, continuava irreductível. Por nenhum preço ele queria intimidade entre as raças, pois é sabido que “os cruzamentos de raças diferentes rebaixam o nível psíquico e mental... Até que nós tenhamos um conhecimento mais bem fundamentado sobre os efeitos do cruzamento de raças, seria melhor evitá-lo entre raças muito distantes”.⁶

De minha parte eu sabia bem como reagir. Se tivesse de me definir, diria que espero; interrogo as cercanias, interpreto a partir de minhas descobertas, tornei-me um sensitivo.

No início da história que os outros fizeram para mim, colocaram em evidência o pedestal da antropofagia, para que eu me lembre bem. Descreviam meus cromossomos como tendo genes mais ou menos espessos, representando o canibalismo. Ao lado do *sex linked* descobria-se o *racial linked*. Uma vergonha, esse tipo de ciência!

Mas eu compreendo este “mecanismo psicológico”. Pois, como todo o mundo sabe, ele é apenas psicológico, este mecanismo. Há dois séculos eu estava perdido para a humanidade, eternamente escravo. Depois alguns homens vieram a declarar que tudo aquilo já tinha durado demais. Minha tenacidade fez o resto; fui salvo do dilúvio civilizador. Avancei...

Tarde demais. Tudo estava explorado, previsto, provado, estabelecido. Minhas mãos nervosas ficaram vazias. A fonte secou. Tarde demais! Mesmo assim quero compreender.

⁶ J. A. Moein, IIº Congresso Internacional de Eugenia, citado por Sir Alan Burns.

Desde aquele tempo em que alguns se queixavam de ter chegado tarde demais e de que tudo já tinha sido dito, parece existir uma nostalgia do passado. Seria o paraíso perdido original de que fala Otto Rank? Quantos desses agarrados ao útero do mundo dedicaram a vida ao deciframento do oráculo de Delfos, ou tentaram restabelecer o périplo de Ulisses! Os pan-espiritualistas, querendo provar a existência da alma nos animais, usam o seguinte argumento: um cachorro dorme sobre a tumba de seu dono e aí morre de fome. Foi Janet que teve o mérito de demonstrar que o dito cachorro, ao contrário do homem, não era nem sequer capaz de eliminar o passado. Fala-se da grandeza grega, diz Artaud, mas, acrescenta que, se hoje as pessoas não compreendem mais *As Coéforas* de Ésquilo, é Ésquilo quem está errado.* É em nome da tradição que os anti-semitas valorizam seu “ponto de vista”. É em nome da tradição, de um longo passado histórico, do parentesco sanguíneo com Pascal e Descartes, que se diz aos judeus: vocês não têm lugar na comunidade. Recentemente, um desses bons cidadãos declarava em um trem no qual eu me encontrava: “Que as virtudes verdadeiramente francesas subsistam, e a raça está salva! Hoje é preciso realizar a União Nacional. Não mais lutas intestinas diante de estrangeiros (e, virando-se para o meu lado), quaisquer que sejam eles”.

Pra não carregar muito no julgamento, é preciso reconhecer que ele recendia a vinho barato; se ele pudesse, teria me dito que meu sangue de escravo alforriado não é capaz de se entusiasmar em nome de Villon ou de Taine.

Uma vergonha!

O judeu e eu: não satisfeito em me racializar, por um acaso feliz eu me humanizava. Unia-me ao judeu, meu irmão de infortúnio.

Uma vergonha!

À primeira vista, pode parecer surpreendente que a atitude do anti-semita se assemelhe à do negrófobo. Foi meu professor de filosofia, de origem antilhana, quem um dia me chamou a atenção: “Quando você ouvir falar mal dos judeus, preste bem atenção, estão falando de você”. E eu pensei que ele tinha universalmente razão, querendo com isso dizer que eu era responsável, de corpo e alma, pela sorte reservada a meu irmão. Depois compreendi que ele quis simplesmente dizer: um anti-semita é seguramente um negrófobo.

* *As coéforas*, uma das tragédias mais importantes de Ésquilo, cujo tema central é a morte e o destaque que os ritos funerários têm na vida em sociedade.

Vocês chegaram muito tarde, tarde demais. Sempre haverá um mundo – branco – entre vocês e nós... Essa dificuldade que tem o outro de liquidar definitivamente o passado. Diante dessa esclerose afetiva do branco, é compreensível que eu tenha decidido dar meu grito negro. Pouco a pouco, criando pseudópodes aqui e ali, secretei uma raça. E esta raça titubeou sob o peso de um elemento fundamental. Qual? O ritmo! Escutem Léopold Senghor, nosso vate:

É a mais sensível e a menos material das coisas. É o elemento vital por excelência. É a condição primeira e o signo da Arte, como a respiração o é da vida; a respiração que se precipita ou esmorece, torna-se regular ou espasmódica, conforme a tensão do ser, o grau e a qualidade da emoção. Assim é o ritmo na sua pureza primitiva, assim o é nas obras primas da Arte Negra, particularmente na escultura. Ele é feito de um tema – forma escultural – que se opõe a um tema irmão, como a inspiração e a expiração, e que é repetido. A simetria não engendra a monotonia, o ritmo é vivo, é livre... É assim que o ritmo age sobre o que há de menos intelectual em nós, despoticamente, para nos fazer penetrar na espiritualidade do objeto; e essa atitude de abandono que nos é própria, é, ela própria, rítmica.⁷

Será que li bem? Reli muitas e muitas vezes. Do outro lado do mundo branco, uma féérica cultura negra me saudava. Escultura negra! Comecei a corar de orgulho. Era a salvação?

Eu tinha racionalizado o mundo e o mundo tinha me rejeitado em nome do preconceito de cor. Desde que, no plano da razão, o acordo não era possível, lancei-me na irracionalidade. Culpa do branco, por ser mais irracional do que eu! Por pura necessidade havia adotado o método regressivo, mas ele era uma arma estrangeira; aqui estou em casa; fui construído com o irracional; me atolo no irracional; irracional até o pescoço. E agora, vibra a minha voz:

Aqueles que não inventaram
nem a pólvora nem a bússola
Aqueles que nunca souberam domar
nem o vapor nem a eletricidade
Aqueles que não exploraram
nem os mares nem os céus
mas conhecem o país do sofrimento

⁷ Senghor, “Ce que l’homme noir apporte”, in *L’homme de couleur*, pp. 309-310.

nos seus mais insignificantes recantos
Aqueles cujas únicas viagens
foram de desenraizamento
Aqueles que foram amaciados pelas genuflexões
Aqueles que foram domesticados e cristianizados
Aqueles em quem inocularam a frouxidão

Sim, todos eles são meus irmãos – uma “fraternidade áspera” nos
amarra a todos nós. Depois de ter defendido a tese menor, dou a volta
por cima e anuncio estrepitosamente outra coisa.

(...) Mas aqueles sem os quais a terra não seria a terra
Colina mais benfazeja ainda
pois que a terra é deserta
mais e mais a terra
Pote onde se preserva e amadurece
o que a terra mais tem de terra
Minha negritude não é uma pedra
uma surdez lançada contra o clamor do dia
Minha negritude não é leucoma de água morta
no olho morto da terra
Minha negritude não é nem torre nem catedral
Ela mergulha na carne vermelha do solo
Ela mergulha na carne ardente do céu
Ela rasga a prostração opaca da paciência sensata.⁸

Eia! O atabaque baratina a mensagem cósmica! Só o preto é capaz
de transmiti-la, de decifrar seu sentido, seu alcance. Cavalgando o mundo,
esporas vigorosas contra os flancos do mundo, lustro o pescoço do
mundo, como o sacrificador entre os olhos da vítima.

Mas eles relaxam, envolvidos pela essência de todas as coisas, ignorando
as superfícies, mas envolvidos pelo movimento de todas as coisas.
Sem preocupação de domar mas jogando o jogo do mundo
verdadeiramente filhos mais velhos do mundo
abertos a todos os suspiros do mundo
área fraternal de todos os suspiros do mundo
leito sem dreno de todas as águas do mundo

⁸ A. Césaire, *Cahier d'un retour au pays natal*, pp. 77-78.

centelha do fogo sagrado do mundo
carne da carne do mundo
palpitando no próprio movimento do mundo.⁹

Sangue! Sangue!... Nascimento! Vertigem do devir! Em três quartos de mim, danificados pelo aturdimento do dia, senti-me avermelhar de sangue. As artérias do mundo arrancadas, desmanteladas, desenraizadas, voltaram-se para mim e me fecundaram.

Sangue! Sangue! Todo o nosso sangue
revolvido pelo coração másculo do sol.¹⁰

O sacrifício tinha servido de meio termo entre mim e a criação – não encontrei mais as origens, mas a Origem. No entanto, era preciso desconfiar do ritmo, da amizade Terra-Mãe, deste casamento místico, carnal, do grupo com o cosmos.

Em *La vie sexuelle en Afrique noire*, trabalho rico em observações, De Pédrals deixa entender que ainda existe na África, qualquer que seja o domínio considerado, uma certa estrutura mágico-social. E acrescenta:

Todos esses elementos são os mesmos que se encontram, em uma escala ainda mais vasta, nas sociedades secretas. Aliás, na medida em que os circuncisos, as excisadas, operados na adolescência, não devem, sob pena de morte, divulgar aos não-iniciados aquilo por que eles passaram, e na medida em que a iniciação, em uma sociedade secreta, sempre recorre a atos de amor sagrado, pode-se concluir considerando a circuncisão, a excisão e os ritos que eles promovem como constitutivos de sociedades secretas de importância secundária.¹¹

Caminho sobre espinhos brancos. Lençóis d'água ameaçam minha alma de fogo. Diante destes ritos, redobro minha atenção. Magia negra! Orgias, sabá, cerimônias pagãs, patuás. O coito é o momento de invocar os deuses da fratria. É um ato sagrado, puro, absoluto, favorecendo a intervenção de forças invisíveis. Que pensar de todas essas manifestações, de todas essas iniciações, de todas essas operações? De tudo quanto é

⁹ *Cahier d'un retour au pays natal*, p. 78.

¹⁰ Césaire, op. cit., p. 79.

¹¹ De Pédrals, *La vie sexuelle en Afrique noire*, Payot, p. 83.

canto volta pra mim a obscenidade das danças, das propostas. Bem perto de mim ressoa um canto:

Antes nossos corações eram quentes
Agora eles estão frios
Nós não sonhamos senão com o Amor
De volta à aldeia
Quanto reencontraremos o grande falo
Ah! como faremos bem o amor
Pois nosso sexo estará enxuto e limpo.¹²

O solo, ainda há pouco mensageiro controlado, começa a se divertir. São virgens, essas ninfomaníacas? Magia Negra, mentalidade primitiva, animismo, erotismo animal, tudo isso refluí para mim. Tudo isso caracteriza os povos que não acompanharam a evolução da humanidade. Trata-se, em outros termos, da humanidade vilipendiada. Chegando a este ponto, hesitei durante muito tempo antes de me engajar. As estrelas se tornaram agressivas. Precisava escolher. Que digo eu? Na verdade eu não tinha escolha...

Sim, nós (os pretos) somos atrasados, simplórios, livres nas nossas manifestações. É que, para nós, o corpo não se opõe àquilo que vocês chamam de espírito. Nós estamos no mundo. E viva o casal Homem-Terra! Aliás, nossos homens de letras nos ajudam a vos convencer. Vossa civilização branca negligencia as riquezas finas, a sensibilidade. Escutem bem:

Sensibilidade emotiva. *A emoção é negra como a razão é grega.* Água que todos os suspiros encrespam? Alma dos espaços abertos, sacudida pelos ventos, cujo fruto muitas vezes cai antes da maturidade? Sim, é verdade que, de certo modo, o preto hoje é mais rico *em dons do que em obras*. Mas a árvore mergulha suas raízes na terra. O rio corre, profundo, arrebanhando pepitas preciosas. E o poeta afro-americano Langston Hughes canta:

Conheci rios,
sombrios e antigos rios
minha alma tornou-se profunda
como os profundos rios.

Por outro lado, a própria natureza da emoção, da sensibilidade do preto, explica sua atitude diante do objeto, percebido com tal violência essencial.

¹² Versiat, *Les rites secrets de l'Oubangui*, p.113.

É um abandono que se torna necessidade, atitude ativa, de comunhão, e mesmo de identificação, por menos intensa que seja a ação, quase digo a personalidade do objeto. Atitude rítmica, retenhamos bem a expressão.¹³

E eis o preto reabilitado, “alerta no posto de comando”, governando o mundo com sua intuição, o preto restaurado, reunido, reivindicado, assumido, e é um preto, não, não é um preto, mas o preto, alertando as antenas fecundas do mundo, bem plantado na cena do mundo, borrifando o mundo com sua potência poética, “poroso a todos os suspiros do mundo”. Caso-me com o mundo! Eu sou o mundo! O branco nunca compreendeu esta substituição mágica. O branco quer o mundo; ele o quer só para si. Ele se considera o senhor predestinado deste mundo. Ele o submete, estabelece-se entre ele e o mundo uma relação de apropriação. Mas existem valores que só se harmonizam com o meu molho. Enquanto mago, roubo do branco “um certo mundo”, perdido para ele e para os seus. Nessa ocasião, o branco deve ter sentido um choque que não pôde identificar, tão pouco habituado a essas reações. É que, além do mundo objetivo das terras, das bananeiras ou das seringueiras, eu tinha delicadamente instituído o mundo verdadeiro. A essência do mundo era o meu bem. Entre o mundo e mim estabelecia-se uma relação de coexistência. Eu tinha reencontrado o Um primordial. Minhas “mãos sonoras” devoravam a garganta histórica do mundo. O branco teve a dolorosa impressão de que eu lhe escapava, e que levava algo comigo. Ele revistou meus bolsos. Passou a sonda na menos desenhada das minhas circunvoluções. Em toda parte só encontrou coisas conhecidas. Ora, era evidente, eu possuía um segredo. Interrogaram-me; esquivando-me com um ar misterioso, murmurei:

Tokowaly, meu tio, você se lembra das noites de outrora
quando minha cabeça pesava nas suas costas pacientes
ou dando-me a mão sua mão me guiava por trevas e signos.
Os campos são flores de pirilampos reluzentes
Estrelas pousam nas relvas, nas árvores
É o silêncio das redondezas
Apenas zumbem os perfumes do mato
colméias de abelhas ruivas que dominam a frágil vibração dos grilos
e, tambor velado, a respiração longínqua da noite.

¹³ Senghor, *Ce que l’homme noir apporte*, p. 295. Sublinhado por nós.

Você Tokowaly, você escuta o inaudível e me explica
o que dizem os ancestrais na serenidade marinha das constelações,
o touro, o escorpião, o leopardo, o elefante e os peixes costumeiros
e a pompa láctea dos espíritos pela copa celeste que não acaba nunca.
Mas eis então a inteligência da deusa Lua
e que caíam os véus das trevas.
Noite da África, minha noite negra, mística e clara, negra e brilhante.¹⁴

Eu me assumia como o poeta do mundo. O branco tinha descoberto uma poesia que nada tinha de poética. A alma do branco estava corrompida e, como me disse um amigo que ensinou nos Estados Unidos: “Para os brancos, de certo modo, os negros asseguram a confiança na humanidade. Quando os brancos se sentem mecanizados demais, voltam-se para os homens de cor e lhes pedem um pouco de nutrientes humanos”. Enfim eu era reconhecido, não era mais um zero à esquerda.

Logo haveria de perder as ilusões. O branco, por um instante baratinado, demonstrou-me que, geneticamente, eu representava um estágio: “As qualidades de vocês foram exploradas até o esgotamento por nós. Tivemos místicas da terra como vocês não terão jamais. Debruce-se sobre nossa história, e compreenderá até onde foi esta fusão”. Tive então a impressão de repetir um ciclo. Minha originalidade me foi extorquida. Chorei por muito tempo e depois recomecei a vida. Mas era perseguido por uma série de fórmulas desagregadoras: o cheiro *sui generis* do preto... o relaxamento *sui generis* do preto...a ingenuidade *sui generis* do preto...

Tinha tentado escapar com subterfúgios, mas os brancos me caíram em cima, cortando meu calcanhar esquerdo. Fiz caminhadas até os limites de minha essência; eles eram, sem dúvida alguma, estreitos. Foi então que fiz a mais extraordinária das descobertas, aliás, propriamente falando, uma redescoberta.

Revirei vertiginosamente a antiguidade negra. O que descobri me deixou ofegante. No seu livro *L'abolition de l'esclavage*, Schoelcher nos trouxe argumentos peremptórios. Em seguida Frobenius, Westermann, Delafosse, todos brancos, falaram em coro de Ségou, Djenné, cidades de mais de cem mil habitantes. Falaram dos doutores negros (doutores em teologia que iam a Meca discutir o Alcorão). Tudo isto exumado,

¹⁴ Senghor, *Chants d'ombre*, Ed. du Seuil, 1945.

disposto, vísceras ao vento, permitiu-me reencontrar uma categoria histórica válida. O branco estava enganado, eu não era um primitivo, nem tampouco um meio-homem, eu pertencia a uma raça que há dois mil anos já trabalhava o ouro e a prata. E depois, havia outra coisa, outra coisa que o branco não podia compreender. Ouçam bem:

Quem eram então esses homens que, através dos séculos, uma selvageria insuperável arrancava de seu país, de seus deuses, de suas famílias? (...) Homens afáveis, educados, cortesões, certamente superiores a seus carrascos, um bando de aventureiros que quebrava, violava, insultava a África para melhor espoliá-la (...)

Eles sabiam construir casas, administrar impérios, organizar cidades, cultivar os campos, fundir os minerais, tecer o algodão, forjar o ferro (...) Sua religião era bela, feita de misteriosos contactos com o fundador da cidade. Seus costumes agradáveis, baseados na solidariedade, na benevolência, no respeito aos idosos.

Nenhuma coação, mas a assistência mútua, a alegria de viver, a disciplina livremente consentida (...)

Ordem-Intensidade-Poesia e Liberdade (...)

Do indivíduo sem angústia ao chefe quase fabuloso, uma cadeia contínua de compreensão e confiança. Tinham ciência? Claro, mas eles a tinham para protegê-los do medo, grandes mitos onde a mais refinada das observações e a mais ousada das imaginações se equilibravam e se fundiam. Tinham arte? Eles tinham sua magnífica estatuária, onde a emoção humana nunca explode tão ferozmente a ponto de deixar de organizar, segundo as obsessivas leis do ritmo, uma matéria destinada a captar, para redistribuí-las, as forças mais secretas do universo (...)

Monumentos em pleno coração África? Escolas? Hospitais? Nenhum burguês do século XX, nenhum Durand, Smith ou Brown suspeitou de sua existência na África anterior à chegada dos europeus (...)

Mas Schoelcher assinala essa existência citando Caillé, Mollien, os irmãos Lander.* E se ele não assinala em parte alguma que, quando os portugueses desembarcaram às margens do Congo, em 1498, descobriram um Estado rico e florescente, que na corte de Mombaça os poderosos vestiam-se com seda e brocado, pelo menos ele sabe que a África elevou-se sozinha a um concepção jurídica do Estado, e ele suspeita que, em pleno século do imperialismo, a civilização européia, afinal de contas, é apenas uma civilização entre outras, e não a mais suave.¹⁵

* Erro de revisão no original, onde erroneamente encontramos “*les frères Cander*”.

¹⁵ Aimé Césaire, introdução ao livro de Victor Schoelcher, *Esclavage et colonisation*, pp. 7-8.

Eu colocava o branco no seu lugar; encorajado, eu o enfrentava e jogava-lhe na cara: adapte-se a mim, eu não me adapto a ninguém! Sacaneava abertamente. O branco, visivelmente, bronqueava. Mas seu tempo de reação ia ficando cada vez mais lento... Eu tinha ganho. Exultava.

“Deixe pra lá sua história – disseram-me então – deixe suas pesquisas sobre o passado e tente adaptar-se ao nosso passo. Em uma sociedade como a nossa, extremamente industrializada, científica, não há mais lugar para a sua sensibilidade. É preciso ser duro pra vencer na vida. Não se trata mais de jogar o jogo do mundo e sim de sujeitá-lo a golpes de integrais e de átomos”. Claro, de vez em quando diziam-me também: “Quando estivermos cansados da vida em nossos arranha-céus, iremos até vocês como vamos às nossas crianças... virgens...atônitas... espontâneas. Iremos até vocês que são a infância do mundo. Vocês são tão verdadeiros nas suas vidas, isto é, tão folgados... Deixemos por alguns momentos nossa civilização cerimoniosa e educada e debrucemo-nos sobre essas cabeças, sobre esses rostos adoravelmente expressivos. De certo modo, vocês nos reconciliam com nós próprios”.

Assim, a meu irracional, opunham o racional. A meu racional, o “verdadeiro racional”. Eu sempre recomeçava um jogo previamente perdido. Experimentei minha hereditariedade. Fiz um balanço completo de minha doença. Queria ser tipicamente negro – mas isso não era mais possível. Queria ser branco – era melhor rir. E, quando tentava, no plano das idéias e da atividade intelectual, reivindicar minha negritude, arrancavam-na de mim. Demonstravam-me que minha iniciativa era apenas um pólo na dialética:

Mas a coisa pode ser mais séria ainda: o negro, nós o dissemos, cria para si um racismo antiracista. Ele não deseja de modo algum dominar o mundo: ele quer a abolição dos privilégios étnicos, quaisquer que sejam eles; ele afirma sua solidariedade com os oprimidos de qualquer cor. De repente a noção subjetiva, existencial, étnica da *negritude* “passa”, como diz Hegel, para aquela – objetiva, positiva, exata – do *proletariado*. “Para Césaire, diz Senghor, o ‘branco’ simboliza o capital, como o negro o trabalho... É a luta do proletariado mundial que canta através dos homens de pele negra de sua raça”.

É mais fácil dizer, menos fácil pensar. Não é por acaso que os mais ardentes vates da negritude são, ao mesmo tempo, militantes marxistas.

Mas isso não impede que a noção de raça não se confunda com a noção de classe: aquela é concreta e particular; esta universal e abstrata; uma vem do que Jaspers chama de compreensão, e a outra, da inteligência; a primeira é o

produto de um sincretismo psicobiológico e a outra é uma construção metódica, a partir da experiência. De fato, a negritude aparece como o tempo fraco de uma progressão dialética: a afirmação teórica e prática da supremacia do branco é a tese; a posição da negritude como valor antitético é o momento da negatividade. Mas este momento negativo não é autosuficiente, e os negros que o utilizam o sabem bem; sabem que ele visa a preparação da síntese ou a realização do humano em uma sociedade sem raças. Assim, a negritude existe para se destruir; é passagem e ponto de chegada, meio e não fim último.¹⁶

Quando li esta página, senti que roubavam a minha última chance. Disse a meus amigos: “A geração dos jovens poetas negros acaba de receber um golpe imperdoável.” Havíamos apelado para um amigo dos povos de cor, e este amigo não achou nada melhor a dizer do que mostrar a relatividade de nossa ação. Desta vez este hegeliano-nato esqueceu de que a consciência tem necessidade de se perder na noite do absoluto, única condição para chegar à consciência de si. Contra o racionalismo, ele salientava o lado negativo, mas esquecendo que esta negatividade tira seu valor de uma absolutidade quase substancial. A consciência engajada na experiência ignora, deve ignorar as essências e as determinações do ser.

Orphée noir é um marco no intelectualismo do existir negro. E o erro de Sartre foi não apenas querer chegar à fonte da fonte, mas, de certo modo, secar a fonte.

A fonte da poesia secará? Ou então o grande rio negro vai colorir, apesar de tudo, o mar no qual se lança? Pouco importa: a cada época, sua poesia; a cada época as circunstâncias da história elegem uma nação, uma raça, uma classe para reacender a chama, criando situações que só podem ser representadas ou superadas pela poesia; ora o impulso poético coincide com o impulso revolucionário, ora diverge. Saudemos, hoje, a oportunidade histórica que permite aos negros dar “com tal determinação o grande grito negro que abalará os assentamentos do mundo”.¹⁷

Pronto, não foi eu quem criou um sentido para mim, este sentido já estava lá, pré-existente, esperando-me. Não é com a minha miséria de preto ruim, meus dentes de preto malvado, minha fome de preto mau que modelo a flama pra tocar fogo no mundo: a flama já estava lá, à espera desta oportunidade histórica.

¹⁶ Jean-Paul Sartre, “Orphée noir”, prefácio à *Anthologie de la poésie nègre et malgache*, pp. XL e sqq.

¹⁷ Césaire, citado por Sartre, idem, p. XLIV.

Em termos de consciência, a consciência negra se considera como densidade absoluta, plena de si própria, etapa anterior a toda fenda, a qualquer abolição de si pelo desejo. Jean-Paul Sartre, neste estudo, destruiu o entusiasmo negro. Contra o devir histórico, deveríamos opor a imprevisibilidade. Eu tinha necessidade de me perder absolutamente na negritude. Talvez um dia, no seio desse romantismo doloroso...

Em todo caso, *tinha necessidade* de ignorar. Essa luta, essa recaída, deviam ser levadas às últimas conseqüências. Nada mais desagradável do que esta frase: “Você mudará, menino, quando eu era jovem eu também...Você verá, tudo passa...”

A dialética que introduz a necessidade de um ponto de apoio para a minha liberdade expulsa-me de mim próprio. Ela rompe minha posição irrefletida. Sempre em termos de consciência, a consciência negra é imanente a si própria. Não sou uma potencialidade de algo, sou plenamente o que sou. Não tenho de recorrer ao universal. No meu peito nenhuma probabilidade tem lugar. Minha consciência negra não se assume como a falta de algo. Ela *é*. Ela é aderente a si própria.

Mas, alguém poderá dizer, há nas suas afirmações um desconhecimento do processo histórico. Escutem, portanto:

África, eu guardei sua memória
África, você é em mim
como o espinho na ferida
como um fetiche tutelar no centro da aldeia
faça de mim a pedra de sua funda
da minha boca os lábios de sua chaga
dos meus joelhos as colunas quebradas do seu abatimento
NO ENTANTO
eu só quero ser da raça
dos operários camponeses de todos os países (...)
Operário branco de Detroit, peão negro do Alabama
povo imenso das galés capitalistas
o destino nos levanta ombro a ombro
e renegando o antigo malefício dos tabus do sangue
nós pisotaremos os escombros de nossas solidões
Se a fronteira é torrente
arrancaremos das barrancas a cabeleira inesgotável
Se a fronteira é Sierra
rebentaremos o maxilar dos vulcões
confirmando as Cordilheiras
e a planície será a esplanada da aurora

onde reuniremos nossas forças
dispersas pelas trapaças dos nossos patrões
Como a contradição dos traços se resolve na harmonia do rosto
proclamamos a unidade do sofrimento e da revolta de todos os povos
em toda a superfície da terra
e no pilão dos tempos fraternais moeremos a argamassa
na poeira dos ídolos.¹⁸

Justamente, respondemos, a experiência negra é ambígua, pois não há *um preto*, há *pretos*. Que diferença, por exemplo, deste outro poema:

O branco matou meu pai
Pois meu pai era altivo
O branco violou minha mãe
Pois minha mãe era bela
O branco dobrou meu irmão sob o sol das estradas
Pois meu irmão era forte
Depois o branco virou-se para mim
Suas mãos vermelhas de sangue
No meu rosto cuspiu negro seu desdém
Com sua voz de senhor:
“Ei boy, um pastor, uma toalha, água.”¹⁹

E este outro:

Meu irmão com dentes que brilham ao elogio hipócrita
meu irmão com óculos de ouro
nos olhos virados azuis pela palavra do Patrão
Meu pobre irmão de smoking forrado de seda
tagarelando e sussurrando e pavoneando-se nos salões
da Condescendência

Você nos dá pena
O sol do seu país não é mais do que uma sombra
sobre sua frente serena de civilizado
E a cabana de sua avó
faz corar um rosto embranquecido por anos de humilhação e *mea culpa*

¹⁸ Jacques Roumain, *Bois d'ebene*, “Prelúdio”.

¹⁹ David Diop, *Trois poèmes*, “Le temps du martyre”.

Mas quando, farto de palavras sonoras e vazias
como a cachola que se eleva sobre seus ombros
você pisará a terra amarga e vermelha da África
estas palavras angustiadas então ritmarão sua caminhada intranquãila

“Sinto-me tão só, tão só aqui”...²⁰

De vez em quando, dá vontade de parar. É duro investigar sobre a realidade. Mas quando alguém mete na cabeça que quer exprimir a existência, arrisca não encontrar senão o inexistente. O que é certo é que no momento em que tento reorganizar o meu ser, Sartre, que permanece o Outro, denominando-me, elimina qualquer ilusão. Então eu lhe digo:

Minha negritude não é nem torre nem catedral
Ela mergulha na carne vermelha do solo
Ela mergulha na carne ardente do céu
Ela rasga a prostração opaca da paciência sensata...

Enquanto que eu, no paroxismo do vivido e do furor, proclamo isto, Sartre me lembra que minha negritude é apenas um tempo fraco. Na verdade, na verdade vos digo, meus ombros se esquivaram da estrutura do mundo, meus pés não sentem mais a carícia do solo. Sem passado negro, sem futuro negro, era impossível viver minha negridão. Ainda sem ser branco, já não mais negro, eu era um condenado. Jean-Paul Sartre esqueceu que o negro sofre em seu corpo de outro modo que o branco.²¹ Entre o branco e eu, há irremediavelmente uma ralação de transcendência.²²

Mas esqueceram a constância do meu amor. Eu me defino como tensão absoluta de abertura. Tomo esta negritude e, com lágrimas nos olhos, reconstituo seu mecanismo. Aquilo que foi despedaçado é, pelas minhas mãos, lianas intuitivas, reconstruído, edificado.

²⁰ David Diop, *Le renégat*.

²¹ Se os estudos se Sartre sobre a existência do outro permanecem exatos (na medida, lembramos, que *L'être et le néant* descreve uma consciência alienada), sua aplicação a uma consciência negra se revela falsa. É que o branco não é apenas o Outro mas o senhor, real ou imaginário.

²² No sentido que Jean Wahl atribui ao termo, em *Existence humaine et transcendance*. “Être et penser”.

Mas violento ainda ressoa meu clamor: eu sou um preto, eu sou um preto, eu sou um preto...

E é meu pobre irmão – vivendo sua neurose ao extremo, que se dá conta de que está paralizado:

O PRETO: Não posso, madame.

LIZZIE: O quê?

O PRETO: Não posso atirar nos brancos.

LIZZIE: Não acredito! Eles vão ficar aborrecidos!

O PRETO: Mas são brancos, madame!

LIZZIE: E então? Porque eles são brancos têm o direito de te sangrar como a um porco?

O PRETO: São brancos.

Sentimento de inferioridade? Não, sentimento de inexistência. O pecado é preto como a virtude é branca. Todos estes brancos reunidos, revólver nas mãos, não podem estar errados. Eu sou culpado. Não sei de quê, mas sinto que sou um miserável.

O PRETO: É assim, madame, é sempre assim com os brancos.

LIZZIE: Você também se sente culpado?

O PRETO: Sim, madame.²³

Bigger Thomas é aquele que tem medo – um medo terrível. Ele tem medo, mas de que tem medo? Dele mesmo. Não se sabe ainda quem ele é, mas ele sabe que o medo habitará no mundo quando o mundo souber. E quando o mundo sabe, o mundo sempre espera algo ruim do preto. Ele tem medo que o mundo saiba, tem medo do medo que o mundo teria se o mundo soubesse.²⁴

Como esta velha mulher que me suplica de joelhos para amarrá-la à sua cama:

- Sinto, doutor, a todo instante essa coisa que toma conta de mim.
- Que coisa?
- A vontade de me suicidar. Amarre-me, tenho medo.

²³ J.P. Sartre, *La putain respectueuse* – Ver também: *Je suis un nègre*, (*Home of the brave*) filme de Mark Robson.

²⁴ Richard Wright, *Native Son*.

Por fim, Bigger Thomas decide entrar em ação. Para acabar com a tensão ele age, corresponde à expectativa do mundo. É o personagem de *If he hollers, let him go*²⁵ – que faz justamente o que não quer fazer. A loura volumosa que está sempre lhe barrando o caminho, lânguida, sensual, oferecida, aberta, temendo (desejando) ser violada, no final torna-se sua amante.

O preto é um brinquedo nas mãos do branco; então, para romper este círculo infernal, ele explode. Impossível ir ao cinema sem me encontrar. Espero por mim. No intervalo, antes do filme, espero por mim. Aqueles que estão diante de mim me olham, me espionam, me esperam. Um preto-groom* vai surgir. O coração me faz girar a cabeça.

Um estropiado da guerra do Pacífico disse a meu irmão: “Aceite a sua cor como eu aceito o meu cotoco; somos dois acidentados”.²⁶

Apesar de tudo, recuso com todas as minhas forças esta amputação. Sinto-me uma alma tão vasta quanto o mundo, verdadeiramente uma alma profunda como o mais profundo dos rios, meu peito tendo uma potência de expansão infinita. Eu sou dádiva, mas me recomendam a humildade dos enfermos... Ontem, abrindo os olhos ao mundo, vi o céu se contorcer de lado a lado. Quis me levantar, mas um silêncio sem vísceras atirou sobre mim suas asas paralisadas. Irresponsável, a cavalo entre o Nada e o Infinito, comecei a chorar.

²⁵ Chester Himes.

* Cavalariço.

²⁶ *Je suis un nègre*.